

COLÔNIA AFROBRASILEIRA DE CURITIBA NO CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO

Ana Crhistina Vanali

Resumo

Na Praça Santos Andrade há um pequeno monumento em homenagem à “Colônia Afro-Brasileira de Curitiba” que foi instalado em maio de 1988, quando do primeiro centenário da abolição da escravidão no Brasil. Devido ao seu caráter de oficialidade, o 13 de maio foi, por muitas décadas, uma data marcada por comemorações e atividades cívicas, nas quais se destacavam homenagens à Princesa Isabel e aos abolicionistas. Nesse sentido, é compreensível que a data tenha sido escolhida para a realização da homenagem à colônia afro-curitibana. A homenagem da Praça Santos Andrade é composta por um bloco de granito e uma placa de bronze de dimensões de 60 cm de largura por 99 cm de altura. Ela se destina a dar visibilidade a diversos negros e negras que foram destaques em suas respectivas áreas, contribuindo para o desenvolvimento do Estado do Paraná. Entre os homenageados, estão juizes, desembargadores, advogados, médicos, engenheiros, jornalistas, jogadores de futebol, professores, atrizes, atores, cartunistas, músicos, militares, policiais, bombeiros, radialistas, contadores, funcionários públicos de diversos níveis, militantes do movimento negro e de outros movimentos sociais, mães de santo, barbeiros, seminaristas, representantes comerciais, linotipistas, vereadores, deputados, repórteres, delegados e agrônomos. Por intermédio de suas histórias, as personalidades escolhidas para a homenagem demonstram a riqueza contributiva de cada cidadã e cidadão como partícipe da construção plural da sociedade curitibana. O presente projeto recupera a biografia de cada um dos 68 homenageados através de entrevistas realizadas diretamente com os próprios ou por meio de pesquisa documental. O objetivo é tornar esses homenageados conhecidos por toda a sociedade.

Palavras-chave: Colônia afro de Curitiba; Negritude em Curitiba; Centenário abolição.

AFRO-BRAZILIAN COLONY OF CURITIBA ON THE CENTENARY OF THE
ABOLITION**Abstract**

In Praça Santos Andrade there is a small monument in honor of the “Colônia Afro-Brasileira de Curitiba”, which was installed in May 1988, on the occasion of the first centenary of the abolition of slavery in Brazil. Due to its official character, May 13 was, for many decades, a date marked by commemorations and civic activities, in which tributes to Princess Isabel and abolitionists stood out. In this sense, it is understandable that the date was chosen to honor the Afro-Curitiba colony. The homage at Praça Santos Andrade is made up of a granite block and a bronze plaque measuring 60 cm wide and 99 cm high. It is intended to give visibility to several black men and women who were prominent in their respective areas, contributing to the development of the State of Paraná. Among those honored are judges, judges, lawyers, doctors, engineers, journalists, soccer players, teachers, actresses, actors, cartoonists, musicians, military personnel, police officers, firefighters, broadcasters, accountants, civil servants of different levels, movement activists black and other social movements, mothers of saint, barbers, seminarians, commercial representatives, linotypists, councilors, deputies, reporters, delegates and agronomists. Through their stories, the personalities chosen for the homage demonstrate the contributory richness of each citizen as a participant in the plural construction of Curitiba's society. This project retrieves the biography of each of the 68 honorees through interviews conducted directly with them or through documentary research. The goal is to make these honorees known throughout society.

Keywords: Afro Colony of Curitiba; Blackness in Curitiba; Centenary abolition

Introdução

Na Praça Santos Andrade há um pequeno monumento em homenagem à “Colônia Afro-Brasileira de Curitiba”. Foi instalado em maio de 1988, quando do primeiro centenário da abolição da escravidão no Brasil, ocorrida oficialmente por meio da Lei Imperial Nº 3.353¹ – também conhecida como a Lei Áurea –, sancionada em 13 de maio de 1888 pela Princesa Isabel. A “história tradicional” brasileira comumente tratou a Lei Áurea como o ápice de um conjunto de leis que, desde a segunda metade do século XIX, vinham impactando de forma direta na manutenção do regime escravocrata no Brasil. A primeira mudança se deu com a Lei Nº 581 (Lei Eusébio de Queirós), de 4 de setembro de 1850, que definiu medidas para extinguir o tráfico negreiro. Duas décadas mais tarde, a Lei Nº 2.040 (Lei do Ventre Livre), de 28 de setembro de 1871, determinou a liberação de todas as crianças nascidas de pais escravos. Posteriormente, a Lei Nº 3.270 (Lei Saraiva-Cotegipe ou Lei dos Sexagenários), de 28 de setembro de 1885, determinou “a extinção gradual do elemento servil” na sociedade brasileira por meio da libertação dos escravos com 60 anos de idade ou mais. Desse modo, podemos assinalar que o processo de abolição da escravatura no Brasil foi gradual, lento e feito conforme os interesses das elites políticas e econômicas da época.

O projeto de lei que extinguiu a escravidão no Brasil foi apresentado à Câmara Geral (atual Câmara dos Deputados), pelo então ministro da Agricultura, Rodrigo Augusto da Silva, em 8 de maio de 1888. Foi votado e aprovado nos dias 9 e 10 de maio. Posteriormente, a Lei Áurea foi apresentada ao Senado Imperial pelo ministro em 11 de maio. As sessões dos dias 11, 12 e 13 daquele mês promoveram debates sobre o documento. Por fim, o texto foi votado e aprovado, em primeira votação, no 12 de maio. Na manhã do dia 13 de maio de 1888, a lei foi votada e aprovada em definitivo e, no mesmo dia, levada à sanção da princesa regente do Brasil – Dona Isabel. Assim, no domingo de 13 de maio, dia comemorativo do nascimento de D. João VI, foi assinada por sua bisneta Princesa Isabel e Rodrigo Augusto da Silva a lei que aboliu a escravatura no Brasil (ALONSO, 2015). Por seu ato, Isabel passou a ser denominada pela historiografia oficial como “a redentora”. O Brasil foi o último país independente do continente americano a abolir completamente a escravatura. O último país do mundo a abolir oficialmente a escravidão foi a Maurítânia em 9 de novembro de 1981. Somente em 2007 a prática da escravidão passou a ser considerada um crime nesse país (MARTINS, 2018).

¹ Todas as leis aqui citadas estão disponíveis no site do Planalto (<http://www.planalto.gov.br>) ou do Senado (<http://legis.senado.gov.br>).

Devido ao seu caráter de oficialidade, o 13 de maio foi, por muitas décadas, uma data marcada por comemorações e atividades cívicas, nas quais se destacavam homenagens à Princesa Isabel e aos abolicionistas (DOMINGUES, 2011). Nesse sentido, é compreensível que a data tenha sido escolhida para a realização da homenagem à colônia afro-curitibana. A homenagem da Praça Santos Andrade é composta por um bloco de granito e uma placa de bronze de dimensões de 60 cm de largura por 99 cm de altura (figura 1). Ela se destina a dar visibilidade a diversos negros e negras que foram destaques em suas respectivas áreas, contribuindo para o desenvolvimento do Estado do Paraná. Entre os homenageados, estão juízes, desembargadores, advogados, médicos, engenheiros, jornalistas, jogadores de futebol, professores, atrizes, atores, cartunistas, músicos, militares, policiais, bombeiros, radialistas, contadores, funcionários públicos de diversos níveis, militantes do movimento negro e de outros movimentos sociais, mães de santo, barbeiros, seminaristas, representantes comerciais, linotipistas, vereadores, deputados, repórteres, delegados e agrônomos. Por intermédio de suas histórias, as personalidades escolhidas para a homenagem demonstram a riqueza contributiva de cada cidadã e cidadão como partícipe da construção plural da sociedade curitibana. Porém, não se encerra nesse monumento a importância da etnia negra para a construção e crescimento desta importante cidade do país, a mais negra das cidades do sul do Brasil².

Figura 1 - Placa comemorativa à Colônia Afro-Brasileira de Curitiba no centenário da abolição da escravidão



Praça Santos Andrade. Curitiba, 2017.
Foto: Ana Vanali

² Segundo a classificação do IBGE, negros, negras, pardos e pardas são 19,7% da população de Curitiba. No Paraná, cerca de 28,5% dos paranaenses se autodeclararam negros, negras, pardas ou pardos. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao>. Acesso 31.dezembro.2017.

Consultar também **Especial 20 de novembro. Dados confirmam desigualdade entre negros e brancos no Paraná**. Brasil de Fato, 03/11/2017. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2017/11/03/dados-mostram-a-desigualdade-entre-negros-e-brancos-no-parana/>. Acesso 31.dezembro.2017.

A iniciativa da homenagem, que na placa aparece como sendo da Câmara dos Vereadores de Curitiba, foi um trabalho conjunto entre o Cônsul Honorário do Senegal em Curitiba, Ozeil Moura dos Santos, e da ex-vereadora Marlene Zannin. Ao final da tarde do dia 26 de maio de 1988, o presidente da Câmara Municipal, Horácio Rodrigues Sobrinho e o cônsul Ozeil, descerraram a placa em homenagem à etnia negra na Praça Santos Andrade, no centro da capital paranaense. Segundo o jornal Correio de Notícias de 27 de maio de 1988, a placa *“contém nomes de 68 personagens da raça, ou descendentes étnicos que residiram ou ainda residem em Curitiba. Desses, oito já são falecidos”*³. Depois da inauguração, a Câmara promoveu, no mesmo dia, outras homenagens no Palácio de Cristal (ginásio de esportes do Círculo Militar do Paraná)⁴. Seis dos homenageados, que de acordo com suas atividades, tiveram maior destaque na vida social, cultural e profissional, receberam uma placa de prata. (SILVA, 2013).

A escolha da Praça Santos Andrade para a colocação da placa, segundo o cônsul do Senegal Ozeil (2017), ocorreu porque o negro, para ascender socialmente, tem de investir em dois caminhos: na educação e na cultura. Essa praça abriga o Teatro Guaíra, símbolo da cultura, e o prédio histórico da Universidade Federal do Paraná, símbolo da educação. No canto superior direito da placa, tem-se o desenho de uma cabeça com uma pomba que, segundo Ozeil (2017), representa a importância de o negro tomar consciência da sua condição para lutar por reconhecimento e encontrar seu devido lugar na sociedade. Essa é a logomarca do Centro de Integração Social, Cultural, Comercial e Turístico Afro-Brasileiro que expressa a mensagem de que *“A SUA LIBERDADE ESTÁ EM SUA CONSCIÊNCIA”*⁵ (figura 2).

Figura 2 – Detalhe da placa da Praça Santos Andrade



Foto: Ana Vanali

³ Dos 68 homenageados 52 são homens e 16 mulheres. Em dezembro de 2018 eram 29 homenageados falecidos, 23 vivos e 16 não foram localizados.

⁴ **Homenagem à etnia negra.** Correio de Notícias, 27/05/1988, p. 3.

⁵ Disponível em <http://www.grupomourasantos.com/centrointegracao/>. Acesso 07.fevereiro.2018.

Bahls (2001, p.73) destaca que a inauguração do monumento foi acompanhada por uma série de festejos:

A instalação da placa, entre dois marcos históricos da cidade, o Teatro Guaíra e a Universidade Federal do Paraná, presta homenagem aos negros que contribuíram para o desenvolvimento do Estado, nos últimos cem anos, exercendo profissões como médico, engenheiros, juízes, políticos, atrizes e jogadores de futebol.

A inauguração do monumento, cuja iniciativa coube ao Consulado de Senegal em Curitiba, e teve a colaboração da Câmara Municipal, começou às 18 horas do dia 26 de maio, reunindo milhares de pessoas na Praça Santos Andrade.

Depois da cerimônia, na qual compareceram autoridades e demais representantes da comunidade, houve uma grande festa no Círculo Militar do Paraná.

À noite, houve uma grande festa no Círculo Militar do Paraná, quando foi realizada a sessão solene da Câmara, que entregou uma placa de prata aos dirigentes do evento, com os nomes de pessoas da comunidade negra, que se sobressaíram, na sociedade paranaense, naquele último ano. Em seguida, o Ballet Coppélia encenou uma peça teatral, sobre as lutas e as conquistas obtidas pelo negro no Paraná⁶.

A peça encenada pelo Ballet Coppélia como parte das atividades de inauguração do monumento à etnia negra na Praça Santos Andrade foi o espetáculo “Raízes: nossa origem, nossa dança”, coreografado e dirigido por Agnaldo Trinkel⁷. Esse espetáculo foi encenado pela primeira vez no Teatro Guaíra, em 25 de novembro de 1983, tendo três atos sobre a evolução da dança nas Américas. Além dos alunos do grupo de balé, o grupo de capoeira do professor Kunta Kintê participou dessa apresentação de 1983. De acordo com a companhia, a apresentação remetia a uma aula cultural no formato de dança e narração, que evidenciava a vinda dos negros para a América e mostrava a evolução das danças do afro ao jazz e do samba, através da demonstração de algumas danças afro-americanas do período da colonização⁸ (BALLET COPPELIA, 2009).

Segundo Tortato (2001, p. 131) o marco em homenagem à comunidade afro-brasileira foi o décimo-terceiro monumento implantado na Praça Santos Andrade, na data de 26 de maio de 1988. A obra é de autoria e execução desconhecidas. A primeira placa, instalada em 1988,

⁶ De acordo com as entrevistas realizadas com os homenageados ainda vivos e que participaram da inauguração da placa no dia 26 de maio de 1988, haviam muitas pessoas presentes, mas não acreditam que tenham sido milhares, talvez um pouco mais de uma centena, pois nem todos os homenageados compareceram. Alguns nos relataram que desconheciam que seus nomes estão gravados nessa placa e que foram homenageados e não possuem lembrança de terem sido convidados para o evento da inauguração. Outros apontam que muitos homenageados foram acompanhados de seus familiares e que mesmo assim não atingiria a casa dos “milhares de participantes”. Não foram localizadas, nos periódicos da época consultados, notícias que retratassem a inauguração do monumento, além do publicado no Correio de Notícias de 27 de maio de 1988 referente a homenagem à etnia negra. Dos entrevistados, nenhum havia registro fotográfico desse dia.

⁷ Disponível em <http://balletcoppeliado brasil.blogspot.com/2009/09/historia-da-escola-ballet-coppelia-do.html>. Acesso 28.dezembro.2018.

⁸ O espetáculo “Raízes” foi encenado em 1983, 1988 e 2013 conforme informação obtida na secretaria da escola Ballet Coppélia em outubro de 2018. É um espetáculo bailado baseado no folk-dance americano (**Dança**. Correio de Notícias, 27/06/1984, p. 12).

Ballet Coppélia do Brasil e Pulsção Cia de Dança apresentam "Raízes". Disponível em <http://www.teatroguaira.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=1109>. <http://www.emcartaz.net/danca/pulsar-cia-de-danca-e-ballet-coppelia-do-brasil/>. Acesso 28.dezembro.2018.

encontrava-se a leste da praça, no canteiro da esquina da Rua XV de Novembro com a Rua Conselheiro Laurindo, em frente ao Teatro Guaíra. A primeira placa, todavia, foi furtada, de modo que um segundo monumento foi confeccionado e instalado em uma localização diferente – desta vez, no canteiro da Rua XV de Novembro com a Rua João Negrão, em frente à Universidade Federal do Paraná⁹.

Apesar das solenidades que marcaram sua inauguração, o Monumento à Colônia Afro-Brasileira de Curitiba parece não ter encontrado espaço na paisagem da capital paranaense. Moraes e Souza (1999, p. 8), em seu estudo sobre o preconceito em Curitiba, citam esse monumento à etnia negra que “descobriram” na Praça Santos Andrade e concluem que ele reforça a tese da invisibilidade do negro na cidade, pois *“a obra que lembraria a população negra passa despercebida em meio à paisagem [...] além da inscrição ser de difícil leitura”*¹⁰. É diante da importância de se realizar um resgate histórico dos homenageados e também da trajetória da colônia afro-paranaense que pensamos esse livro.

Desenvolvimento

O presente trabalho apresenta, sob a forma de breves narrativas biográficas, parte das vidas dos 68 homenageados (anexo A). Muitos dos nomes da placa foram personagens negros ocultados pela história tradicional, mas que deixaram suas marcas na cidade de Curitiba, demonstrando a disputa entre as diferentes memórias coletivas diante da necessidade de se posicionar frente a um passado “comum” inventado e legitimado através do discurso oficial do Estado. Ao lermos sobre as vidas dessas personalidades negras, podemos questionar as

⁹ Não foram localizadas informações sobre esse furto. Em pesquisa aos arquivos da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMMA, 2017; PMC, 2001), realizado em Outubro de 2018, foi encontrado apenas o registro do ano de 1988: Marco em homenagem à Comunidade Afro-brasileira localizado a leste da praça, no canteiro da esquina da Rua XV de Novembro com a Rua Conselheiro Laurindo. A SMMA não possui os registros atualizados com a nova localização do pedestal em granito e a placa em bronze em frente ao prédio histórico da UFPR. Ressaltamos aqui que o registro que se encontra na SMMA apresenta a grafia incorreta de alguns nomes dos homenageados e que a nova placa de bronze também possui divergências com relação a alguns registros da primeira. Todas essas estão devidamente relatadas nos capítulos dedicados aos homenageados.

Muitos dos entrevistados lembram da localização original do monumento em frente ao Teatro Guaíra. Alguns demonstraram surpresa ao apresentarmos a localização atual do monumento, pois consideravam que, depois do furto, ele não havia sido recolocado. Outros relataram que o monumento original recebeu muitas depredações e atos de vandalismo, como uma vez em que jogaram um balde de tinta vermelha sobre a placa de bronze. De acordo com um deles, o furto e a colocação do novo monumento teriam ocorrido na segunda gestão do prefeito Cássio Taniguchi, por volta do ano de 2006 (ver Anexo D).

¹⁰ Em 1999, quando do estudo dos autores, a placa ainda estava em sua localização original em frente ao Teatro Guaíra.

Outro trabalho que também menciona a existência desse monumento em homenagem à etnia negra é Santana (2015, p. 23-24). Em seu trabalho sobre o engenheiro Adelino Alves da Silva, ele destaca que em 1988, durante as comemorações prestadas ao primeiro centenário da abolição da escravidão no país, o mesmo passou *“a fazer parte do memorial da abolição ao ter seu nome registrado na placa da Praça Santos Andrade em homenagem as personalidades negras paranaenses que se destacaram no desenvolvimento do Estado”*.

interpretações construídas no passado, para na atualidade podermos entender as discriminações culturais presentes na sociedade: como determinadas memórias se tornaram hegemônicas na construção da narrativa sobre a formação da sociedade paranaense? Que identidade paranaense é transmitida pela historiografia tradicional? Qual o lugar do negro nas mesmas? Qual a contribuição do negro na construção desse passado comum?

No que se refere à história dos negros no Paraná, a sua invisibilidade é reforçada pela narrativa fragmentada, impossibilitando uma visão mais complexa e processual da presença africana no estado, diferentemente da história dos brancos europeus que é marcada pela coesão e continuidade. Essa invisibilidade faz com que os negros sejam desconectados do processo histórico mais amplo, sendo vistos como novos atores sociais. Desse modo, omite-se que a luta do presente está associada com a história do povo negro na sociedade brasileira. A construção de novos discursos não pode esquecer as marcas desse passado, com as quais se deve dialogar para entendermos quem somos, e quem são os outros e, sobretudo, esses debates devem ajudar no combate às desigualdades e às diferentes formas de discriminação racial ainda bastante presentes na sociedade brasileira (VANALI, 2019).

Esta pesquisa tem como objetivo divulgar a trajetória dessas personalidades negras que desempenharam papéis importantes na sociedade curitibana, especialmente no período que se estende da primeira metade do século XX até o final da década de 1980. Todas essas personalidades, por meio de diferentes formas de atuação, demonstram que a concepção de Curitiba como uma cidade onde “quase não há negros” é não somente infundada, como serve para apagar as importantes contribuições legadas pela população afro-brasileira à capital paranaense. É importante ressaltar que esse discurso tem como fonte o trabalho de Wilson Martins, intitulado “Um Brasil Diferente”, publicado no ano de 1955, no qual o autor aponta o Paraná como sendo diferente do restante do país, por ter sido formado “*sem escravidão, sem negro, sem português e sem índio, dir-se-ia que a sua definição humana não é brasileira*” (MARTINS, 1989, p. 446)¹¹. Assim, Curitiba teria sido fundada por colônias de imigrantes europeus, sendo puramente branca, o que desemboca na narrativa da “cidade modelo”¹² justamente por sua formação étnica. Nesse discurso, que ainda hoje encontramos reproduzido na mídia local e nas propagandas institucionais, está implícita a ligação entre qualidade de vida e o predomínio dos descendentes de europeus na formação da cidade. Tais representações alimentam ideias que estão pautadas em noções racistas como se uma cidade só pudesse ter qualidade de vida se tivesse em sua formação étnica uma predominância do elemento branco

¹¹ Wilson Martins não se diz ligado ao Movimento Paranista, mas define a identidade paranaense como sendo naturalmente constituída por fatores como clima e raça.

¹² “cidade modelo” = excelente nível de vida e poucos problemas, sobretudo os de infraestrutura.

europeu; ou, se todo lugar onde este elemento branco fosse dominante tornar-se-ia, necessariamente, desenvolvido.

Para além do viés racista, que contrapõe uma dualidade entre brancos (polo positivo) e negros (polo negativo), esse discurso também é responsável por conferir invisibilidade à população negra de Curitiba¹³. O ideal da “cidade-modelo”, comumente, esconde as condições de marginalização enfrentadas pelos afro-brasileiros na capital paranaense, uma vez que esse setor da população muitas vezes sofre os piores indicadores sociais. O problema da invisibilidade social dos negros é uma questão central no entendimento da sociedade brasileira. Faz-se necessário desenvolver uma identidade que esteja aberta às diferenças e à pluralidade cultural, o que não pode ocorrer sem que, ao menos, se reconheça a existência de diversos grupos étnicos e culturais que, em dado momento, se misturam e realizam trocas culturais, e em outras situações, entram em conflito.

Apesar de a ideia de que a cidade é apenas branca-europeia ainda permanecer em grande parte do imaginário e do senso comum dos curitibanos, outros trabalhos¹⁴ vêm tratando justamente da invisibilidade social dos negros em Curitiba, mostrando que esse discurso foi construído com a ajuda da historiografia tradicional¹⁵. A etnia negra é parte importante da população curitibana. Quase um quinto da população de Curitiba se declara parda (16,9%) e 2,8% são pretos, conforme os dados do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁶.

Santos (1977) desmistificou essa velha e consagrada ideia de um “Paraná louro e diferente”, na verdade, isso corresponde a um sonho de branqueamento das elites paranaenses, que escamoteia a importância do sistema escravista na formação do território paranaense. A utilização do trabalho escravo no Paraná se enquadra na estrutura característica da formação brasileira, na relação senhor e escravo presente em todos os setores produtivos da economia do estado: mineração, agricultura, pecuária, artesanato, ofícios rurais e urbanos. A sociedade paranaense foi constituída na primeira metade do século XIX, marcada pelo regime de trabalho escravo, de modo que o elemento negro participou de forma efetiva na constituição da população paranaense.

Por outro lado, é importante destacar que os 68 nomes escolhidos para a homenagem de forma alguma esgotam as personalidades negras que ajudaram a construir a cidade de Curitiba. A relevância dos homenageados é incontestável, porém, há algumas omissões notáveis na

¹³ Os indígenas também são deixados de lado nessa narrativa da “fundação europeia da cidade”, apesar da origem semântica do nome da cidade - Curitiba - ser de origem tupi e significar “muito pinhão”.

¹⁴ Consultar: Ianni (1988) e Moraes; Souza (1999).

¹⁵ Aqui nos referimos sobretudo a Romário Martins (1995), Ruy Wachowicz (1988) e Cecília Westphalen (1969).

¹⁶ Disponível em <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso 13.maio.2018.

placa. Podemos destacar aqui nomes ligados a algumas das primeiras associações em defesa dos negros na cidade, tais como Benedito Marques dos Santos (ex-escravo e pedreiro que foi liderança importante na Sociedade Protetora dos Operários), João Baptista Gomes de Sá, popularmente conhecido por João da Fausta (também ex-escravo atuante na Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio e ligado a diversos movimentos religiosos) e Vicente Moreira de Freitas (um dos fundadores da Sociedade 13 de Maio). No que diz respeito aos nomes mais recentes da militância, é possível destacar Paulo Borges. Podemos adicionar à lista os literatos Laura Santos e Geraldo Magela Cardoso; enquanto no teatro emerge a figura de Dirce Thomas. No campo esportivo, podemos destacar os jogadores Máximo Francisco dos Reis (Maçã) e João Maria Barbosa (Barbosinha). Na área musical Palminor Rodrigues Ferreira (Lápis) e a atriz e cantora Evanira dos Santos. Ainda podemos incluir um dos fundadores da UFPR e da seção da OAB/PR, o advogado João Pamphilo D'Assumpção. Trata-se de uma lista de valor inesgotável e impossível de ser contabilizada.

Considerações finais

Temos que refletir sobre como nos relacionamos com a cidade de Curitiba, que imagem temos dela e de seus habitantes, o que implica na formação da nossa própria identidade, ou pelo menos parte significativa dela. O que é “ser paranaense”, “ser curitibano”? Um dos objetivos dos textos que compõem esse trabalho é fornecer aos leitores uma carga de conhecimento para refletir sobre novos e velhos discursos, sobretudo, acerca das identidades paranaense e curitibana, multiplicando suas perspectivas, evitando o ideal único do “Paraná Europeu”. Nossa História mistura diversos elementos e devemos desenvolver uma consciência mais crítica a respeito desse processo a fim de não apenas compreender o passado, mas construir o presente como cidadãos ativos, autônomos e pensantes.

Houve muita polêmica em torno da questão se nesse dia 13 de maio de 1988. O questionamento era se havia motivo para comemorações ou era um convite à reflexão sobre a situação do negro na sociedade brasileira, visto ele sofrer sérios problemas de preconceito e discriminação. A atriz Odela Rodrigues, importante personalidade negra da sociedade curitibana, declarou que, em cem anos, eram poucos os privilegiados que podiam falar pelo povo negro e observou que a defesa desse povo deveria continuar “*com maior esclarecimento de todas as partes e sem enganos ou engodos*”. Pedia posições mais firmes, honestas e humanas para superar a questão da cor e sugeria que as leis se aperfeiçoassem tanto para negros, quanto para os brancos. Falou também das oportunidades: ela não conhecia negros

gerais ou dirigentes de grandes complexos, e que os negros acabavam sendo destaque somente no futebol e na carreira artística, “*salvo as exceções*” (p.13)¹⁷.

No dia 12 de maio de 1988, a comunidade negra de Curitiba realizou um protesto, em silêncio, pelo centenário da abolição da escravatura, pois para essa comunidade o verdadeiro dia de comemoração é o 20 de Novembro, aniversário da morte de Zumbi. O protesto foi uma passeata na Rua das Flores (Rua XV de Novembro), com cerca de cem pessoas, que terminou na Boca Maldita. As pessoas carregaram cartazes e faixas com dizeres que procuravam despertar a consciência da população para a verdadeira situação do negro no Brasil. “SEM ANOS DE ABOLIÇÃO. CEM ANOS DE MENTIRA”, foi o lema da passeata, que questionou a identidade cultural do negro, a sua busca pelo avanço político-social e o sistema capitalista onde todo trabalhador é escravo¹⁸.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela (2015). **Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro**. SP: Cia das Letras.

BAHLS, Aparecida Vaz da Silva (2021). **Obras de arte em logradouros públicos II: Praça Santos Andrade**. Curitiba: Casa Erbo Stenzel/Fundação Cultural de Curitiba.

CMC (Câmara Municipal de Curitiba) (2018). **Marlene Zannin – 9ª Legislatura (1983-1988)**. In: Galeria vereadores na política de Curitiba. Disponível em <https://www.cmc.pr.gov.br/nossamemoria/galeriadevereadorasdecureitiba/vereadoras.php?vereadora=MarleneZanin>. Acesso 28.dezembro.2018.

DOMINGUES, Petrônio (2011). **Salve o 13 de Maio: as comemorações da abolição da escravatura**. In: XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH, 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH. São Paulo: ANPUH-SP, v. 1. p. 1-8.

FONSECA, Ricardo Marcelo; GALEB, Mauricio (2017). **A greve geral de 1917**. 2ª edição. Curitiba: Factum Editora.

GOMES, Nilma Lino (2003). Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf>>. Acesso 28.dezembro.2018.

¹⁷ **Centenário da abolição**. Gazeta do Povo, 13/05/1988, p. 13 e 35.

¹⁸ **No centenário da abolição vereadores lembram que o negro ainda é marginalizado**. Correio de Notícias, 13/05/1988, p. 3.

A comunidade negra anunciada na matéria era integrada pelos Agentes da Pastoral Negra, Grupo União e Consciência e Grupo Pró-Negro que não realizaram nenhuma atividade para o dia 13 de Maio, mas que estavam organizando várias atividades para o dia 20 de Novembro.

GRAF, Márcia Elisa de Campos (1981). **Imprensa periódica e escravidão no Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte.

HOMENAGEM À ETNIA NEGRA. Correio de Notícias/PR, 27/05/1988, p. 3

IANNI, Octávio (1988). **As metamorfoses do escravo**. SP: Hucitec.

MARTINS, Geiza (2018). **Qual foi o último país do mundo a abolir a escravidão?** (04/07/2018). Disponível em <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-o-ultimo-pais-a-abolir-a-escravidao/>. Acesso 28.dezembro.2018.

MARTINS, Romário (1995) [1899]. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores.

MARTINS, Wilson (1989) [1955]. **Um Brasil diferente**. 2ª edição. SP: Editora T.A.Queiroz.

MARTINS, Walkíria Braum. **Levantamento das legislaturas e vereadores da Câmara Municipal de Curitiba**. 2017. Curitiba: Câmara Municipal de Curitiba. Disponível em https://www.cmc.pr.gov.br/galeria_ver.php. Acesso 28.dezembro.2018.

MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de e SOUZA, Marcilene Garcia de. **Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba**. In: Revista de Sociologia e Política, Nº 13, p. 7-16, novembro de 1999.

NIEMCZEWSKI, Silvana Cristina Oliveira. **Os 130 anos da Abolição da Escravatura no Brasil e a luta pela igualdade (13/05/2018)**. Disponível em <https://www.oabpr.org.br/artigo-os-130-anos-da-abolicao-da-escravatura-no-brasil-e-a-luta-pela-igualdade/>. Acesso 28.dezembro.2018.

OZEIL. **Entrevista de Ozeil Moura dos Santos** concedida à Ana Vanali em Curitiba no dia 28 de agosto de 2017.

PMC (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA) (2001). **Registro: Obras de Arte em Logradouros Públicos II - Praça Santos Andrade-Erbo Stenzel**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba/Fundação Cultural de Curitiba.

SANTANA, Jorge Luís (2015). **Adelino Alves da Silva: presença negra paranaense em espaços legítimos de poder**. Curitiba: Monografia de Especialização em Educação das Relações Étnicas-raciais da UFPR.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos (1977). **Nem loiro, nem diferente! O Paraná Provincial escravista**. Paris: Tese de doutorado em História na Universidade de Paris X.

SMMA (Secretaria Municipal do Meio Ambiente) (2017). **Praça Santos Andrade: monumentos e marcos**. Curitiba: SEMA/Janeiro de 2017.

SILVA, Adelino Alves da (2013). **Memória de um professor e engenheiro civil: vida, luta e trabalho. Autobiografia**. Curitiba: IEP/Instituto de Engenharia do Paraná.

TORTATO, Daniele Teixeira (2001). **Gerenciamento ambiental avançado na Praça Santos Andrade**. Curitiba: Mestrado em Agronomia da UFPR. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/27609>. Acesso 28.dezembro.2018.

VANALI, Ana Crhistina (2019). **Negros Pamphilo: personalidades negras da sociedade curitibana do século XX**. Curitiba: SEED.

WACHOWICZ, Ruy (1988). **História do Paraná**. 6ª edição. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina Ltda.

WESTPHALEN, Cecília maria et all. (1969). **História do Paraná (3 volumes)**. Curitiba: Grafipar.

Recebido em 27/03/2023.

Aprovado em 10/05/2023.

ANEXO A – Transcrição da placa da Praça Santos Andrade**CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA
A COLÔNIA AFRO-BRASILEIRA 100 ANOS**

As homenagens dos vereadores de Curitiba, que unindo-se as comemorações do centenário da abolição, destacam a participação dinâmica, una e altamente relevante do negro da comunidade. Com os nomes aqui gravados, que representam os vários segmentos da etnia negra, perpetuamos nosso carinho à Colônia Afro-brasileira.

ACIR FERNANDES
ADELINO ALVES DA SILVA
AMILTON AMBROSIO RIBEIRO
ANTONIO DIONISIO FILHO
ANTONIO SILVA DE PAULO
ANTONIO CALAZANS
ARTUR MIRANDA JUNIOR
AROLDI ANTONIO DE FARIAS
CANDIDO ALVES DE SOUZA
CLOVIS AZAURY DO NASCIMENTO
DALZIRA MARIA APARECIDA
ELIDIO ALVES TEODORO
EUCLIDES DA SILVA
HASIEL PEREIRA (vereador)
HUGO JORGE BENTO
IDELCIO JOSÉ DE OLIVEIRA
ISAAC OTÁVIO
JOÃO FERREIRA DOS SANTOS
JOÃO FREDERICO ALVES
JOÃO FERREIRA DA SILVA
JORGE DE OLIVEIRA
JOSÉ AUGUSTO G. ANICETO
JOSÉ CARLOS M. DOS SANTOS
JOSÉ DIONÍSIO DA SILVA
JOSÉ MOREIRA DE ASSIS
JOSÉ PEREIRA FILHO
JOSÉ RAMOS
JOSÉ SALVADOR DE SOUZA
JOSÉ S. SILVA FELINTO (ex-vereador)
JURANDIR NUNES PEREIRA

HOMENAGENS PÓSTUMAS
ANTENOR ALENCAR LIMA
ANTENOR P.DOS SANTOS (ex-vereador)
ANTONIO PINTO REBOUÇAS
EDGAR ANTUNES SILVA (TATU)

LUIZ FERNANDO MARQUES
MALU NUNES DA SILVA
MANUEL NUNES DA SILVA
MARIA APARECIDA DA SILVA
MARIA LUCIA DE SOUZA
MARIA MERCIS G. ANICETO
MARIA NICOLAS
MARILENE DA GRAÇA RIBAS
MARINA DE ANDRADE SOUZA
MARINA PEREIRA
MARIO FERREIRA
MARIO VASCONCELOS
NARCISO J.R.ASSUMPÇÃO
NATALÍCIO SOARES
NELSON CARLOS DA LUZ
ODELAIR RODRIGUES
OLGA MARIA S. FERREIRA
ORLANDO DIAS DA SILVA
OSVALDO FERREIRA DOS SANTOS
OZEIL MOURA DOS SANTOS (cônsul Senegal)
PAULO CHAVES DA SILVA
PAULO LOPES SANTOS
PEDRO ADÃO PEREIRA
RAIMUNDA FERREIRA DOS SANTOS
RAIMUNDO NONATO SIQUEIRA
SERAPHINA JACIRA GONÇALVES
SIDNEY LIMA SANTOS (ex-vereador)
TEREZA ERMELINO DE LEÃO
VALDIR ISIDORO SILVEIRA
ZEILA MOURA DOS SANTOS

ENEDINA ALVES MARQUES
HAROLDO FERREIRA DOS SANTOS
JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS
JOSÉ PINTO REBOUÇAS

Curitiba, 26 de maio de 1988

Horácio Rodrigues
Presidente da Nona Legislatura
LEI Nº 3.353, DE 13 DE MAIO DE 1988 conhecida como Lei Áurea